

REDES DE CONHECIMENTO E REPRESENTAÇÕES

Um estudo das coleções ornitológicas formadas por Emília Snethlage no Museu Paraense Emílio Goeldi entre 1905 e 1921

KNOWLEDGE NETWORKS AND REPRESENTATIONS

A Study of the Ornithological Collections Assembled by Emília Snethlage at the Emílio Goeldi Museum of Pará between 1905 and 1921.

LUIZ FELIPE FARIAS DOS SANTOS¹

NELSON RODRIGUES SANJAD²

LILIAN BAYMA DE AMORIM³

RESUMO

O objeto de estudo deste artigo são as coleções ornitológicas do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), formadas pela cientista alemã Emília Snethlage entre 1905 e 1921. O principal objetivo foi investigar o projeto político do governo paraense que fundamentou a construção da coleção, a inserção dessas coleções no debate científico da ornitologia no início do século XX e as redes locais de conhecimento que atuaram no trabalho de campo da naturalista. A pesquisa se insere no campo da História das Ciências. As fontes utilizadas incluem os livros de tombo da ornitologia do MPEG, relatos de viagem de Emília, correspondências, periódicos de museus e jornais. Para a interpretação dessas fontes, foram mobilizados os conceitos de “redes de conhecimento” e “representação”. As informações sobre o acervo de aves estão registradas nas documentações, permitindo identificar a participação de diferentes sujeitos no processo de colecionamento, desde indígenas até cientistas. Além disso, a pesquisa evidenciou como essas coleções circularam tanto no âmbito nacional quanto internacional, atravessando debates científicos e as influências do contexto social e histórico. Portanto, o trabalho abordou a construção simbólica de sentidos sobre a coleção ornitológica e teve como propósito destacar a

¹ Bolsista do Programa de Capacitação Institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi (PCI/MPEG). Licenciado em História pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail do autor: l Luiz.fsantoshistoria@gmail.com

² Pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Professor do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPHIST), Universidade Federal do Pará (UFPA), e do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural (PPGDS), Museu Goeldi. Doutor em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRZ). E-mail do autor: nsanjad@museu-goeldi.br

³ Analista sênior em Ciência e Tecnologia do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Doutora em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). E-mail da autora: lilian@museu-goeldi.br

participação dos atores locais na construção do conhecimento científico.

Palavras-chave: Emília Snethlage. Amazônia. Coleções ornitológicas. Redes científicas. Atores locais.

ABSTRACT

The subject of this article is the ornithological collections of the Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), which were assembled by the German scientist Emília Snethlage between 1905 and 1921. The main objective was to investigate the political project of the Pará government that underpinned the creation of the collection, the role of these collections in the scientific debate of ornithology in the early 20th century, and the local knowledge networks involved in the naturalist's fieldwork. The research is situated in the field of the History of Science. Sources include MPEG's ornithology ledger books, Emília's travel accounts, correspondence, museum periodicals, and newspapers. Concepts of "knowledge networks" and "representation" were used for interpreting the sources. Information about the bird collection is documented, revealing the involvement of various actors in the collection process, from indigenous people to scientists. Additionally, the research highlighted how these collections circulated both nationally and internationally, intersecting with scientific debates as well as social and historical influences. Thus, the work addressed the symbolic construction of meanings about the ornithological collection and aimed to highlight the involvement of local actors in the construction of scientific knowledge..

Keywords: Emilia Snethlage. Amazon. Ornithological collections. scientific networks. Local actors.

INTRODUÇÃO

As coleções de história natural desempenham um papel fundamental no avanço do conhecimento científico, pois documentam a biodiversidade global e permitem que os pesquisadores investiguem as transformações que as espécies sofreram ao longo do tempo. Além disso, essas coleções oferecem a oportunidade de estudar a distribuição geográfica das espécies, as extinções ocorridas e os critérios morfológicos utilizados na designação de cada táxon.

A princípio, esses elementos podem parecer distantes do trabalho do historiador, que tradicionalmente se dedica à análise de documentos escritos, relatos orais e iconografia. No entanto, as coleções de história natural também podem ser consideradas fontes para a pesquisa em História. Do ponto de vista

teórico-metodológico, Almir Oliveira (2015) destaca que cabe ao historiador das ciências analisar o processo de construção e acúmulo de acervos biológicos e geológicos, os usos a eles atribuídos ao longo do tempo e o conhecimento gerado a partir da interpretação das coleções. Nelson Sanjad e Sue Costa (2021) também ressaltam o papel do historiador das ciências na gestão das coleções de história natural, que exige investigações de natureza documental, essenciais não apenas para o registro da trajetória de cada espécime, mas também para a compreensão dos processos intrínsecos à construção do conhecimento biológico.

Partindo dessa premissa, o objetivo deste artigo é analisar a coleção ornitológica do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), uma das mais antigas do Brasil, fundada em 1866, com destaque para as redes científicas que contribuíram para a significativa ampliação dessa coleção a partir da chegada da zoóloga alemã Emília Snethlage (1868-1929) à instituição, em 1905. Snethlage permaneceu no MPEG até 1921, quando se transferiu para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, em razão da crise financeira e política provocada pela queda dos preços da borracha amazônica a partir de 1914 (SANJAD, 2019).

Snethlage tornou-se especialista em estudos taxonômicos e anatômicos de aves neotropicais, destacando-se por suas investigações sobre a distribuição geográfica das aves, inicialmente na Amazônia e, posteriormente, em todo o território brasileiro (JUNGHANS, 2009). Ela chegou a ocupar o cargo de diretora do MPEG a partir de 1914, com exceção do período entre 1917 e 1919, quando foi afastada devido à Primeira Guerra Mundial.

A historiografia que analisou a trajetória dessa cientista pouco investigou suas coletas ornitológicas. Por exemplo, Mariza Corrêa (2001) se concentrou no olhar etnográfico de Snethlage, assim como Nelson Sanjad (2019), que pesquisou a participação da zoóloga na rede de etnólogos alemães. Miriam Junghans (2009) focou no trabalho de campo e nas publicações de Snethlage, enquanto Diana Alberto (2022) se propôs a examinar questões de gênero na vida profissional da cientista. Apesar da importância desses estudos para revelar uma trajetória científica multifacetada e de conexões internacionais, pouca atenção foi dada ao papel de Snethlage como coletora de história natural. Nos 16 anos em que esteve vinculada ao MPEG, ela formou coleções botânicas,

arqueológicas, etnográficas, mastozoológicas e, principalmente, ornitológicas. No livro-tombo da coleção ornitológica do MPEG, constam 6.888 registros de aves coletadas por Snethlage.

Com o objetivo de ampliar as informações disponíveis sobre Snethlage e a própria história da ornitologia brasileira, este artigo busca responder a diversas às seguintes questões-problema, entre muitas outras possíveis: qual era o projeto político do governo paraense que fundamentou a formação de uma grande coleção ornitológica no MPEG no início do século XX? Como essa coleção se inseriu nos debates científicos da época? De que maneira as redes locais de conhecimento, fundamentais para a atividade de coleta zoológica no interior da Amazônia, se manifestaram no trabalho de campo de Snethlage?

A pesquisa foi realizada no Arquivo Guilherme de La Penha, na Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna e nos livros-tombo da coleção ornitológica do MPEG, na Hemeroteca Digital Brasileira e na biblioteca digital A pesquisa foi realizada no Arquivo Guilherme de La Penha, na Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna e nos livros-tombo da coleção ornitológica do MPEG, na Hemeroteca Digital Brasileira e na biblioteca digital Biodiversity Heritage Library. Para a análise, recorreu-se ao conceito de redes de conhecimento, entendido aqui como um conjunto de sujeitos que, por alguma razão, se conectam em determinado espaço-tempo, permitindo ao historiador reconstituir a trajetória de objetos e conhecimentos, além das hierarquias e apropriações observáveis no processo (ROBERTS, 2009; RAJ, 2017), e também ao conceito de representação (Chartier, 1990), partindo da premissa de que as coleções ornitológicas, para além de algo natural, refletem a construção de significados sobre o material. Dessa forma, foi possível visualizar a historicidade das coleções, pontuada pelas relações entre os sujeitos e os sentidos conferidos às aves.

A pesquisa foi realizada no Arquivo Guilherme de La Penha, na Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna e nos livros-tombo da coleção ornitológica do MPEG, na Hemeroteca Digital Brasileira e na biblioteca digital Biodiversity Heritage Library. Para a análise, recorreu-se ao conceito de redes de conhecimento, entendido aqui como um conjunto de sujeitos que, por alguma razão, se conectam em determinado espaço-tempo, permitindo ao historiador

A pesquisa foi realizada no Arquivo Guilherme de La Penha, na Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna, nos livros-tombo da coleção ornitológica do MPEG, na Hemeroteca Digital Brasileira e na biblioteca digital *Biodiversity Heritage Library*. Para a análise, recorreu-se ao conceito de redes de conhecimento, entendido aqui como um conjunto de sujeitos que, por alguma razão, se conectam em determinado espaço-tempo, permitindo ao historiador reconstituir a trajetória de objetos e conhecimentos, além das hierarquias e apropriações observáveis no processo (ROBERTS, 2009; RAJ, 2017), e também ao conceito de representação (Chartier, 1990), partindo da premissa de que as coleções ornitológicas, para além de algo natural, refletem a construção de significados sobre o material. Dessa forma, foi possível visualizar a historicidade das coleções, pontuada pelas relações entre os sujeitos e os sentidos conferidos às aves.

O trabalho está dividido em três partes. No primeiro item, apresenta-se a inserção das atividades de Emília Snethlage na agenda científica da ornitologia do início do século XX. Em seguida, por meio de periódicos e cartas, examinam-se as redes científicas transnacionais e as representações atribuídas às coleções ornitológicas formadas por Emília. Na última seção, aborda-se o trabalho de campo da zoóloga alemã, com ênfase na presença e na circulação do conhecimento dos grupos locais no processo de coleta.

1. A INSERÇÃO DE EMÍLIA SNETHLAGE NA AGENDA DE INVESTIGAÇÕES ORNITOLÓGICAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Em 1859, Charles Darwin (1809-1882) publicou a obra que provocou grandes transformações nos rumos da ciência na segunda metade do século XIX, *A Origem das Espécies*. Esse livro destacou a importância do estudo das variações entre as espécies, analisando as relações dos animais com o meio ambiente. Alfred Wallace (1823-1913) foi um dos principais interlocutores de Darwin nos debates sobre os processos evolutivos, inclusive fornecendo animais para subsidiar a teoria da seleção natural. Segundo Wallace (1889, p. 41):

Foi somente depois que o Sr. Darwin demonstrou a sua

importância que as variedades começaram a ser sistematicamente coletadas e registradas e, mesmo agora, poucos coletores e estudiosos lhes atribuíram a atenção que merece. Para os antigos naturalistas, na verdade, as variedades - especialmente se numerosas, pequenas ou de ocorrência frequente - eram vistas como um verdadeiro problema porque tornavam quase impossível a definição precisa das espécies, então considerada como o principal objetivo da sistemática. Era, então, costumeiro descrever o que se supunha ser a 'forma típica' em suas coleções. Atualmente, entretanto, uma coleção é valorizada na proporção em que encerra espécimes ilustrativos de todas as variações que ocorrem em cada espécie.

O trecho acima é revelador do interesse dos zoólogos após o advento de uma agenda evolucionista no campo biológico. Se, anteriormente, as variações eram observadas como um entrave, passa-se a visualizá-las como representativas da diversidade biológica em um determinado espaço, devendo então ser documentadas através da coleta sistemática e devidamente analisadas por meio da comparação, conforme sinaliza Wallace. Essas atividades, coleta (em campo) e descrição (em laboratório), passam a ser vinculadas em um mesmo sistema de produção de conhecimento, sendo possível um nível de especialização, por exemplo, de coletores profissionais e de naturalistas responsáveis por acervos públicos ou privados.

Nesse cenário, um grande número de cientistas europeus adotou as ideias de Darwin e Wallace, adaptando-as segundo as contingências encontradas. Emília Snethlage foi uma das cientistas influenciadas por esse contexto científico. Para Miriam Junghans (2009), é perceptível, nas publicações iniciais da zoóloga alemã, a presença do imaginário europeu, que via na Amazônia grandes potenciais para o desenvolvimento de estudos relacionados à biodiversidade local. Esse argumento é reforçado, por exemplo, em "Sobre a Distribuição da Avifauna Campestre na Amazônia", no qual Snethlage declara que "a avifauna riquíssima dos campos amazônicos sempre impressionou profundamente tanto os habitantes do país como os estrangeiros e antes de tudo os naturalistas indígenas e viajantes" (Snethlage, 1909, p. 226). O excerto corrobora a percepção de que os cientistas europeus se impactavam ao se deparar com uma fauna altamente diversa, documentando essa percepção nos relatos de viagem (KURY, 2001).

O projeto científico que Emília Snethlage desenvolveu no MPEG era justamente investigar as variações das espécies de aves no território brasileiro, caracterizado pela existência de grandes rios, extensas serras e diferentes fatores climáticos. Com esse intuito, ela realizou diversas excursões pela Amazônia, que não apenas ampliaram as coleções do museu, como lhe permitiram publicar trabalhos pioneiros sobre a biogeografia de aves neotropicais, reconhecidos internacionalmente (Junghans, 2009).

A repercussão da obra de Snethlage pode ser examinada por intermédio da descrição de aves feita por outros cientistas, com base em material coletado por ela. É o caso de Anton Reichenow (1847-1941), que possuía relações acadêmicas com a zoóloga alemã e constantemente recebia itens colecionados por ela:

De particular interesse para o conhecimento das aves do Baixo Amazonas é a lista de aves intimamente relacionadas, espécies que ocorrem em diferentes margens da Amazônia [...]. A obra é uma compilação sistemática das espécies mais importantes e características suplementares com informações detalhadas sobre a ocorrência local e com referência a aspectos zoogeográficos importantes que afetam a área (REICHENOW, 1914, p. 36).

Reichenow faz menção ao “Catálogo de Aves Amazônicas”, publicado por Snethlage em 1914. Segundo ele, além de indicar a proveniência de cada espécie, Emília tinha a preocupação de evidenciar ao leitor a razão dos animais estarem localizados em determinada área e os fatores ambientais que agiam sobre eles. Logo no início da referida citação, Reichenow reforça que o Baixo Amazonas era o território melhor explorado por Snethlage, que se tornou referência para estudos sobre a avifauna das terras baixas sul-americanas.

Outra perspectiva evidenciada nas fontes diz respeito às coleções ornitológicas da zoóloga alemã, quando comparadas às de outros países. Embora as aves amazônicas fossem diferentes anatomicamente, era possível identificar comportamentos semelhantes em aves que ocupavam o mesmo nicho ecológico. Por exemplo, Erwin Stresemann (1889-1972), do Museu de História Natural da Baviera, publicou em 1918 o artigo “Über gemischte Vogelschwärme” (“Sobre bandos mistos de aves”), no qual afirmou estar surpreso com as descrições de Snethlage sobre as aves do rio Tapajós. Segundo Stresemann

(1918), os dados de Snethlage cruzavam com as observações que ele mesmo havia feito no arquipélago malaio. Essa comparação entre aves anatomicamente diferentes, mas com comportamentos semelhantes, ressalta a importância que as coleções ornitológicas adquiriam não apenas para entender a distribuição geográfica das espécies, mas para explicar padrões comportamentais e evolutivos que transcendiam as fronteiras geográficas, ramo da ciência que se desenvolvia rapidamente em direção a uma perspectiva mais ecológica do que taxonômica.

O austríaco Carl Edward Hellmayr (1878-1944) era outro estudioso que, em vários textos, analisou espécimes zoológicos do norte do Brasil. Em 1910, ele publicou “The birds of the Rio Madeira”, resultado da análise de extensas coleções formadas por diversos coletores. Hellmayr divide o trabalho em duas partes: a primeira apresenta considerações sobre a literatura zoológica da região e a segunda, a identificação das espécies coletadas em campo. Inicialmente, aponta que o território havia sido pouco explorado do ponto de vista da ornitologia, com exceção das viagens de Johann Natterer (1787-1843) e Hoffmanns. Na segunda parte, ele nomeia as espécies encontradas e, quando estas já eram conhecidas, menciona quem fez a primeira descrição do grupo. Um detalhe que chama a atenção é a frequência com que Emília Snethlage é mencionada. Por exemplo, no caso do *Synallaxis rutilaus amazonica*, descrito por Hellmayr, ele observa que os exemplares coletados por Snethlage em Arumateua, no rio Tocantins, eram semelhantes aos coletados em outros locais, mais distantes.

Esse caso demonstra a credibilidade das coleções formadas por Snethlage, constantemente referenciadas em comparações no processo de descrição das espécies, de modo a evidenciar alterações morfológicas em determinado território. O próprio Hellmayr explicita isso ao descrever dois exemplares de *Hypocnemis myiothrina ochrolaema*, sendo uma fêmea e um macho. Ele ressaltou as diferenças do par em relação a um exemplar da mesma espécie, enviado por Snethlage à Alemanha e coletado em Borba, no Amazonas, que se distinguia pela cor da mandíbula (Hellmayr, 1910).

Snethlage ficou particularmente conhecida pelas viagens que fez aos rios

Tocantins, Xingu e Tapajós a partir de 1906. Até esse momento, as principais coletas de animais nessas bacias haviam sido realizadas por Friedrich Wilhelm Sieber (1775-1831), enviado à Amazônia por Johann Centurius Hoffmann, o conhecido conde von Hoffmannsegg (1766-1849), e também por Natterer e Wallace. Portanto, o terreno ainda era inexplorado e a própria Snethlage registrou sua surpresa com a variedade de aves e mamíferos que encontrou, muitos ainda desconhecidos pela ciência zoológica no início do século XX (Snethlage, 1908). Esse é um detalhe que deve ser considerado, pois um bom coletor ou coletora certamente ganharia prestígio com a quantidade e variedade de animais que habitavam aquelas bacias, caso fosse capaz de abatê-los, reuni-los, transportá-los e colocá-los em circulação entre os museus da Europa.

Nos parágrafos a seguir, será mostrado como as atividades de Emília Snethlage, sobretudo as de coleta, foram amparadas por uma instituição fortemente comprometida com um projeto político que tinha como objetivo projetar o estado do Pará no circuito científico internacional. Nesse sentido, as coleções ornitológicas de Snethlage também podem ser consideradas expressões materiais de um ideal de modernidade e cosmopolitismo que dominou o contexto político da Primeira República no Pará, sobretudo a partir da reforma do Museu Paraense de História Natural e Etnografia (atual MPEG), em 1894.

2. AS COLEÇÕES DE EMÍLIA SNETHLAGE NO MUSEU PARAENSE

Jacques Huber (1867-1914), diretor do Museu Paraense a partir de 1907, constantemente elogiava os resultados advindos das viagens de Emília Snethlage nos relatórios anuais enviados ao secretário de Estado de Justiça, Interior e Instrução Pública do Pará. Por exemplo, no balanço das viagens realizadas em 1907, ele afirmou:

O acréscimo das coleções de vertebrados consistiu especialmente em peles de pássaros que a Dra. Emilia Snethlage trouxe das suas excursões ao Tapajós (210) e ao Tocantins (171) e entre as quais acharam-se representantes de 9 espécies novas para a ciência. Estas novas aquisições já foram aproveitadas para completar o catálogo da coleção ornitológica, ao qual a chefe da seção zoológica dedicou a maior parte de seu tempo n'este ano (HUBER, 1909, p. 14).

A fonte apresentada confirma que as excursões de Snethlage

frequentemente geravam significativos ganhos para as coleções do museu. Somente nas duas expedições mencionadas acima, foram coletadas 381 aves, das quais nove representavam espécies novas, ou seja, novas denominações criadas por Snethlage para designar tipos morfológicos específicos — o que qualificava positivamente as coleções da instituição. Implícito na citação, surge outro fator relevante: o caráter pragmático dos relatórios, elaborados com o objetivo político de justificar a existência da própria instituição e a obtenção de recursos. Huber destaca, ano após ano, o crescimento contínuo do acervo zoológico, de forma a garantir que o museu estava cumprindo plenamente sua função social e, assim, buscar, junto ao governo paraense, a manutenção ou o aumento do orçamento institucional.

A compreensão do vínculo entre as coleções do Museu Paraense e a administração pública local se aprofunda quando estas são vistas como a materialização do ideal de modernidade vigente na época, como bem demonstrou Anna Raquel Castro (2021) em seu estudo sobre a representação do Pará na Exposição Internacional de Turim (1911), fortemente fundamentado no discurso científico e nas coleções do Museu Paraense. Nesse contexto, é importante entender as instituições culturais no ambiente em que se desenvolveram: no final do século XIX, elas foram instrumentalizadas como polos de disseminação de um determinado tipo de saber e comportamento social. No caso do Pará, essas instituições tornaram-se vitrines para a propaganda da pujança econômica e social local: no Museu Paraense, Emílio Goeldi (1859-1917) assumiu a liderança; no Conservatório de Música, Carlos Gomes (1836-1896); e na Escola de Belas Artes, Pedro Américo (1843-1905), que não se mudou para Belém por questões de saúde (SANJAD, 2010; ARRAES, 2022).

Roger Chartier (1990), ao propor o conceito de representação, defende que este vai além de uma simples objetividade, adentrando o campo do simbolismo e das relações sociais. Partindo desse pressuposto, argumentamos que as coleções de história natural, como as ornitológicas, podem ser investigadas no âmbito da história cultural. Um exemplo simples ilustra esse argumento: por meio de cartas que agradeciam o envio de espécimes e coleções, é possível captar o valor atribuído a esses materiais nas relações

políticas que sustentavam a rede institucional de intercâmbios científicos. Tanto Goeldi quanto seus sucessores (Huber e Snethlage) empenharam-se em promover o Museu Paraense como um instituto moderno e ativo no que eles definiam, à época, como o “certame internacional”. Isso exigia o fornecimento contínuo de espécimes para instituições que eram, à época, consideradas centrais para o desenvolvimento da ciência.

Por exemplo, em um ofício dirigido ao secretário de Estado do Interior, Justiça e Instrução Pública, Antônio Martins Pinheiro, datado de 6 de fevereiro de 1914, Jacques Huber informou que Emília Snethlage estava na Europa e que havia levado “duplicatas” da coleção de aves conservada no museu estadual para o Museu Real Zoológico de Berlim, na Alemanha. Ao final do documento, o diretor destacou a doação como um gesto de “propaganda científica”, cujo objetivo final seria trazer “resultados benéficos”, ou seja, comerciais, para o estado do Pará:

Não preciso de encarecer o valor d’este testemunho eloquente prestado aos merecimentos do nosso Museu Estadual cujo empenho sempre foi de trazer pelo trabalho de propaganda científica resultados benéficos para o Estado do Pará perante os centros científicos (HUBER, 1914).

Esse trecho revela a aliança entre a elite política e os cientistas do Museu Paraense, com o objetivo de promover o Pará no meio científico e diplomático, algo que se acreditava ter repercussões comerciais. Tanto o governo quanto os cientistas sabiam que o museu desfrutava de grande prestígio perante outras instituições — e exploraram esse prestígio nas relações binacionais e internacionais. Por exemplo, em uma carta de A. Brauer, diretor do Museu Zoológico Real de Berlim, a Emília Snethlage, ele agradeceu as peles de aves recebidas da seguinte maneira:

Sinto ainda o dever de exprimir-vos a minha sincera admiração pela obra científica do Museu Goeldi, da qual a coleção é uma expressão tão nítida, e pela concepção larga do aproveitamento d’essa obra para o progresso da ciência. É a minha plena convicção que nenhum museu que se acha debaixo dos trópicos reconhece tão claramente e resolve com tanto acerto e energia a sua tarefa. Somente por este meio, pela reunião consequente e metódica dos materiais e pela elaboração científica das coleções em colaboração com os grandes museus mundiais, é possível conhecer e explorar a fundo a fauna e a flora da região e adiantar os conhecimentos do país e dos seus habitantes. Os grandes resultados que o museu já conseguiu têm tanto mais

valor que o clima opôs grandes dificuldades ao trabalho (BRAUER, 1913).

A história natural era estruturada em redes, ou seja, se desenvolvia por meio de conexões entre cientistas, instituições, intermediários e povos locais (Duarte, 2013). A perspectiva de Brauer reflete essa visão, que entendia a ciência como uma prática relacional. Emília Snethlage desempenhou um papel ativo como delegada ou representante do Museu Paraense no exterior, especialmente no que diz respeito à interlocução com cientistas. Essa interlocução ocorria tanto de forma indireta, quando Snethlage coletava e distribuía espécimes a partir de Belém para diversas instituições, quanto de forma direta, quando ela viajava para a Europa e visitava pessoalmente os museus de Tring, Londres, Paris, Berlim e Viena para consultar coleções e interagir com cientistas.

O contato de Snethlage com pesquisadores no exterior era fundamental, pois garantiu a participação dela e do Museu Paraense em redes institucionais de produção do conhecimento científico. O envio de animais coletados na Amazônia para museus europeus era uma prática adotada desde a gestão de Goeldi (1894-1907) e continuou sendo executada por seus sucessores, pois proporcionava autoridade científica a uma instituição que estava à margem do principal circuito de intercâmbios científicos (LOPES, 2009; SANJAD, 2010).

Os intercâmbios incluíam o envio de espécimes para identificação e comparação, tornando-se muito frequentes devido à elaboração do “Catálogo de Aves Amazônicas” (SNETHLAGE, 1914). No relatório anual de 1907, por exemplo, Huber registrou o périplo de Snethlage pela Europa naquele mesmo ano:

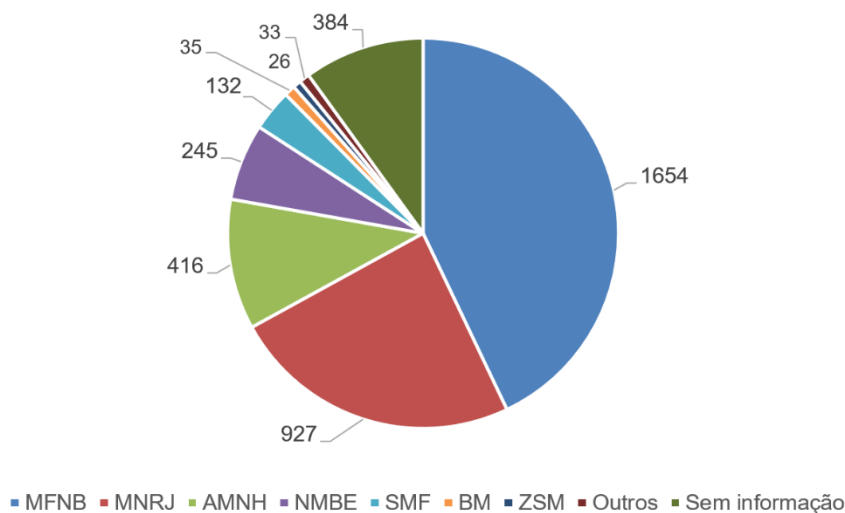
Durante o tempo que ela empregou em estudos comparativos do Muséum d’Histoire Naturelle de Paris, no Museu de Tring e no British Museum em Londres, no Museu Zoológico de Berlepsch (perto de Cossel) e no Hofmuseum de Viena (HUBER, 1909).

Huber destaca que Snethlage transitou por todas essas instituições com uma coleção de aves para identificação. A intenção não era doar a coleção, mas exibí-la a especialistas, identificá-la e trazê-la de volta a Belém, qualificando assim tanto a coletora quanto a instituição em que ela trabalhava. Essa estratégia resultou na ampliação dos intercâmbios e em solicitações feitas por

diversos museus estrangeiros.

O livro-tombo da coleção ornitológica do MPEG registra a distribuição dos exemplares de aves coletados por Snethlage. O Gráfico 1 detalha as instituições que receberam os exemplares, com predominância das alemãs, como o *Museum für Naturkunde Berlin* (MFNB), o *Senckenberg Museum Frankfurt* (SMF) e o *Zoologische Staatssammlung München* (ZSM). A coleção doada a esses museus soma 1.812 exemplares, ou seja, 26% do total coletado por Snethlage enquanto esteve vinculada ao MPEG. Além desses, o Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ), o *American Museum of Natural History/New York* (AMNH), o *Naturhistorisches Museum der Burgergemeinde Bern* (NMBE) e o *British Museum* (BM) também receberam um número significativo de exemplares, incluindo tipos nomenclaturais. Do total de exemplares doados (3.852, ou 56% do total registrado no livro-tombo), não foi possível identificar o destino de 384 peles.

Gráfico 1: Instituições que receberam exemplares de aves do Museu Goeldi no período de 1905 a 1921.



Fonte: autoria própria

A predominância dos museus alemães pode ser explicada pela rede científica à qual Snethlage estava inserida, ainda antes de se mudar para o Brasil. Foi Anton Reichenow, do Museu de História Natural de Berlim, quem indicou seu nome a Emílio Goeldi, quando este procurava um assistente de pesquisa na Alemanha. Reichenow também foi diretamente responsável por

várias publicações de Snethlage na Alemanha, abrindo-lhe as portas de importantes periódicos científicos. O Museum für Naturkunde Berlin foi, portanto, o receptáculo quase natural da intensa atividade de coleta de Snethlage na Amazônia, desempenhando um papel tão importante quanto o próprio MPEG.

A coleção atualmente existente no Senckenberg Museum Frankfurt tem uma história curiosa: não se trata de uma doação. Ela estava em poder do Conde Hans von Berlepsch (1850-1915), que possuía uma grande coleção privada de aves e auxiliava Snethlage na identificação dos exemplares enviados por ela da Amazônia. Com o início da Primeira Guerra Mundial, ambos perderam o contato, e o conde acabou falecendo. Sua coleção privada foi então comprada pelo Senckenberg Museum e transferida do Schloss Berlepsch, em Witzenhausen, para Frankfurt, incluindo a coleção do MPEG, que nunca a reclamou de volta, mesmo após o fim da guerra.

O *American Museum of Natural History* (AMNH) recebeu 16% dos exemplares coletados por Snethlage. Isso se justifica pelo fato de Frank Chapman (1864-1945), chefe do departamento de ornitologia da instituição, ter sido um grande colaborador de Snethlage no estudo de aves neotropicais. Nos relatórios do AMNH é possível acessar informações sobre a proveniência das coleções recebidas anualmente pela instituição. No documento referente a 1915, está registrado que o museu recebeu 604 aves (das quais apenas 416 foram registradas no livro-tombo do MPEG) e 50 mamíferos do Brasil, todos enviados por Emília Snethlage. Em um comentário posterior na revista, consta o seguinte sobre essa coleção:

Estamos profundamente gratos ao Museu Goeldi do Pará, Brasil, por meio de sua diretora, Dra. Emilie Snethlage, por uma grande doação de aves e mamíferos do Baixo Amazonas, quase todos novos em nossas coleções, incluindo tipos raros e interessantes (CHAPMAN, 1915, p. 69).

A doação da coleção ao *Naturhistorisches Museum der Burgergemeinde Bern* (NMBE) não foi uma decisão de Snethlage, mas de Emílio Goeldi. Em 1903, o diretor do MPEG decidiu, com a anuência do governo paraense, eleger o NMBE como fiel depositário das duplicatas da instituição, chegando a assinar um contrato com Theophil Studer (1845-1922), diretor do NMBE. A partir de então, milhares de vertebrados, insetos, aracnídeos e moluscos foram enviados

para Berna, totalizando 14.125 exemplares (SANJAD, GÜNTERT, 2015). Atualmente, essa coleção é considerada uma das preciosidades do museu suíço, incluindo os tipos nomenclaturais das vespas descritas por Adolpho Ducke (1876-1959), entomólogo austríaco contratado pelo Museu Paraense em 1900 (OBRECHT, HUBER, 1993).

Esse caso, assim como os demais, demonstra que houve, na verdade, uma dispersão da coleção de aves formada por Snethlage no Museu Paraense, por diferentes razões. A primeira delas, como já mencionado, reside no uso político atribuído às coleções biológicas do Museu Paraense por Emílio Goeldi e seus sucessores, incluindo Snethlage. O envio regular de coleções a museus estrangeiros – colocando em circulação internacional a prova material do trabalho realizado no Museu Paraense por um grupo altamente qualificado de pesquisadores e taxidermistas – tinha como um dos objetivos promover a propaganda do “estado de civilização” do Pará, cujo nome acompanhava cada espécime despachado no porto de Belém. O governo local não apenas conhecia e autorizava essas remessas, mas também permitia que os pesquisadores viajassem regularmente à Europa para visitar outras instituições e identificar espécies, muitas vezes levando consigo enormes coleções para comparação com aquelas conservadas nos museus e herbários locais. Huber esteve na Europa em 1900, 1905-1906 e 1910-1911; Snethlage em 1907 e em 1913-1914.

As outras razões residem nos interesses institucionais, como nos casos do MFNB, do AMNH e do SMF, seja por meio de colaborações concretas, como a de Snethlage com Reichenow e Berlepsch, que frequentemente identificavam as aves coletadas por ela, seja com o objetivo de futuras colaborações, como foi o caso de Chapman. Houve, finalmente, razões de natureza pessoal, que levaram à transferência para a Suíça de um importante conjunto de animais, pois Goeldi almejava trabalhar no *Naturhistorisches Museum der Burgergemeinde Bern* quando se retirasse do Museu Paraense – o que de fato ocorreu em 1910 (MORGENTHALER, 1993). O mesmo pode ser dito de Snethlage, que transferiu para o Rio de Janeiro coleções que ela considerava de sua propriedade.

Na próxima seção, abordaremos as redes de conhecimento necessárias para as expedições científicas e a formação de coleções. Essas redes são compostas por um conjunto diverso de sujeitos, sem os quais a viagem e a coleta

seriam impossíveis. Nosso objetivo é dar visibilidade aos atores locais que colaboraram, direta ou indiretamente, na formação das coleções de Emília Snethlage.

3. REDES DE CONHECIMENTO NA FORMAÇÃO DE COLEÇÕES ORNITOLÓGICAS DE EMÍLIA SNETHLAGE (1905-1912)

As pesquisas no campo da história das ciências têm destacado não apenas as redes que conectam grupos de cientistas por meio da circulação de ideias e coleções, mas também o protagonismo de atores locais na produção do conhecimento científico. A emergência de conceitos como "circulação", "zonas de contato" e "tradução" permite aos historiadores analisar como o conhecimento local, associado à biodiversidade e ao território, é apropriado e ressignificado por cientistas e coletores, tanto em campo quanto no laboratório (ROBERTS, 2009; RAJ, 2017). A partir dessa premissa, podemos considerar o significativo trabalho de coleta de material ornitológico realizado por Emília Snethlage durante suas expedições ao interior da Amazônia como um empreendimento coletivo, pois ela contou com importante apoio de redes locais.

Segundo Alberti (2005), questões como quem coletou, quem auxiliou na coleta e onde o material foi coletado são essenciais para compreender a complexidade espacial e social envolvida na formação de uma coleção. Esse tema, embora não novo na literatura antropológica e museológica, tem recebido crescente atenção de pesquisadores de diferentes formações e nacionalidades. Por exemplo, Elisabete Pereira (2017, p. 30) discute a participação de sujeitos locais na formação de coleções arqueológicas em Portugal entre 1850 e 1930, defendendo que "sem os conhecimentos locais, que permitem identificar estruturas e objetos nos campos, os conhecimentos científicos não ocorreriam".

Embora abordemos coleções zoológicas, observamos um esforço comum entre pesquisadores que buscam dar visibilidade e voz a diversos auxiliares e colaboradores nas viagens de campo, partindo do princípio de que os conhecimentos locais são fundamentais para os empreendimentos científicos. Isso se deve ao fato de que, de maneira geral, os cientistas possuem pouco conhecimento dos territórios além dos limites de seus gabinetes e laboratórios. Nesse sentido, como destaca Maria Margaret Lopes (2001, p. 884), a

investigação do trabalho de campo pelo historiador deve reconhecer que "coletar implica viajar, seguir instruções e construir redes de coletores".

Atualmente, existe uma quantidade significativa de estudos que abordam a interação entre os viajantes que exploraram a Amazônia e as redes locais de conhecimento. Exemplos recentes incluem as obras de Anderson Antunes e colegas (2019), Patrícia Alves-Melo (2021) e Nelson Sanjad e Claudio Ximenes (2022), que discutem a participação de povos indígenas e afrodescendentes em expedições do século XIX, incluindo na coleta de animais e plantas. Erik Petscheries (2022), por sua vez, analisou as expedições etnológicas alemãs à Amazônia e também deu destaque aos sujeitos locais, especialmente os indígenas, que foram fundamentais para orientar, auxiliar e fornecer informações aos etnólogos em campo.

Em suma, não é possível pensar no sucesso das coletas científicas sem considerar os sujeitos locais que participam efetivamente das expedições. Como afirma Matheus Coelho (2021, p. 51-52):

O êxito e os conhecimentos resultantes dessas viagens não podem ser pensadas unicamente pela ação individual do viajante que liderava as excursões, mas são frutos de uma série de agentes, negociações e conflitos que envolviam líderes políticos, outros cientistas e grupos locais. [...] Sem a ajuda desses intermediários seria difícil ou impossível executar completamente as excursões e realizar a coleta de dados, espécimes e objetos.

Nessa perspectiva, estudos acadêmicos anteriores sobre Snethlage concordam que ela se beneficiou de amplas redes de apoio durante suas expedições, incluindo políticos que financiavam suas viagens, intendentess municipais e proprietários de seringais que forneciam suporte logístico, além de indígenas que a acompanhavam nas profundezas da floresta (CORRÊA, 2001; JUNGHANS, 2009; ALBERTO, 2022). No entanto, pouca atenção foi dada aos acompanhantes de Snethlage e aos procedimentos que ela adotava em campo.

É importante destacar que, ao se deslocar do Museu Paraense para o interior da Amazônia, Snethlage estava sempre acompanhada de um funcionário técnico do museu. Em 15 de novembro de 1907, enquanto se encontrava na Europa, ela enviou uma carta a Jacques Huber solicitando a contratação de um taxidermista chamado Johann Baptist Heider. Entre os pontos que justificavam

a contratação, mencionava-se a qualificação do profissional e sua experiência com o clima tropical, fator crucial para a adaptação ao ambiente (SNETHLAGE, 1908b). Diante dos argumentos apresentados por Snethlage, Huber autorizou a contratação de Heider para o cargo de preparador (SNETHLAGE, 1907). As duas cartas ressaltam a importância dos preparadores, pois eram eles os responsáveis por acompanhar Emília no campo, aplicando as técnicas de coleta e preservação dos animais. Além disso, essas cartas evidenciam a influência de Snethlage na contratação de um profissional que ela havia conhecido em Berlim.

A primeira e única viagem de Emília com Heider a campo ocorreu no município de Quatipuru, em 1908. No entanto, nos primeiros dias na localidade paraense, ela percebeu que o alemão não possuía a habilidade necessária para preparar corretamente as aves nos galhos das árvores, o que comprometeu a qualidade e a quantidade dos resultados da expedição (SNETHLAGE, 1908c). Esse incidente levou à demissão de Heider do Museu Paraense ainda no mesmo ano. A respeito disso, Huber notificou o secretário de instrução pública, mencionando:

Infelizmente o Sr. Heider mostrou-se incapaz de preencher convenientemente o seu lugar, quer pelo seu lado tecnico, quer pelo seu lado disciplinar do estabelecimento, de forma que a demissão que elle pediu para o fim do anno foi aceita com satisfação da parte da Directoria do Museu (HUBER, 1909).

O relato do botânico e a correspondência de Snethlage nos mostram como a prática de coleta dependia da habilidade dos indivíduos envolvidos. No caso de Heider, fica evidente que a presença de um auxiliar não preparado colocava em risco o sucesso da expedição. Por Heider ser estrangeiro, certamente encontrou sérias dificuldades em se adaptar à realidade amazônica. Se por um lado o caso dele exemplifica como um funcionário não apto a comprometia o sucesso da coleta, por outro é importante destacar o caso de Oscar Martins, um dos ajudantes de campo de Emília mais elogiados.

O relato que a alemã produziu por ocasião da viagem ao rio Tocantins em 1907 ilustra como Oscar, ou o “pequeno Oscar” como carinhosamente ela o chamava, dando indícios da sensibilidade que ela possuía com aqueles que a acompanhavam em campo. A obediência e a precisão na captura dos itens da fauna eram qualificações do ajudante que segundo Emília “calha muito bem a

favor da coleção”.

Além dos preparadores, outros atores importantes eram os proprietários de terras, frequentemente mencionados nos relatórios dos diretores do museu por sua colaboração nas atividades científicas. Por exemplo, no relatório anual de 1909, Huber agradece o habitual “auxílio valioso” de autoridades e particulares nas expedições da instituição, incluindo Andreas Goeldi, diretor da Estação Experimental de Agricultura; coronel Cesar Pinheiro, Intendente de Quatipurú (PA); Manoel Levino de Sá, seringalista do rio Maicuru; Antonio Bentes Paranatinga, regatão de Santarém (PA); Francisco Brasil, do rio Jamauchim; e o Padre João Augusto da Frota, de Guaramiranga, no Ceará (HUBER, 1909).

Funcionários públicos, proprietários de terras, seringalistas, regatões e religiosos missionários, embora pertençam a diferentes mundos, têm em comum certa influência sobre os territórios onde transitam. Portanto, era por meio do “auxílio valioso” desses indivíduos que os cientistas do Museu Paraense realizavam seu trabalho de campo, possibilitando, por exemplo, a formação de uma rica coleção. Emília Snethlage tinha plena consciência de que ela só poderia acessar determinados territórios com a autorização e ajuda dos mandatários locais, chamados popularmente de “coronel” ou de “dono do rio”. Isso fica evidente em uma carta que ela envia a Eduard Seler, do Museu Etnológico de Berlim, em 17 de março de 1914, relatando os preparativos de sua segunda excursão ao rio Xingu: “(...) eu gostaria de lhe expor de forma muito breve os meus planos, para que o senhor possa ter deles uma visão geral. Já entrei em contato com o coronel [José] Porfírio [de] Miranda, proprietário [*Besitzer*] do baixo Iriri e Curuá, e ele me garantiu seu total apoio. Essa é uma ajuda muito importante”.

Homens como José Porfírio de Miranda, o dono do rio Xingu, José Júlio de Andrade, o dono do rio Jari e de todo o baixo Amazonas, Raimundo (Mundico) Rocha, o dono do Tocantins, e muitos outros fazendeiros e seringalistas espalhados pelo Tapajós, pela ilha de Marajó e pela região do Salgado eram todos de conhecimento de Snethlage, que com eles se correspondia e com quem mantinha, por vezes, relações próximas. Sempre que ia a campo, hospedava-se na casa desses mandatários e viajava com os acompanhantes que eles indicavam, além de obter suprimentos, transporte e livre passagem (isto é,

proteção) pelos rios e florestas. Em longa carta que enviou à sua família em 1907, Snethlage dá detalhes sobre sua convivência na casa de Mundico Rocha em Arumateua, rio Tocantins, traduzida e analisada por Nelson Sanjad e colegas (2013).

Um terceiro grupo de colaboradores de Snethlage deve ser mencionado, mais difícil de visualizar nas fontes, principalmente nos relatórios de gestão: os indígenas. Uma carta enviada por Snethlage a Huber em 24 de julho de 1908 revela a confiança que ela sentia ao viajar com indígenas. Ela estava em Monte Alegre (PA) e escreveu o seguinte:

Em dois dias perto do Ererê, encontrei três aves novas para nossa coleção, entre as quais a magnífica piranga vermelho-fogo, e ainda gostaria de completar nossa coleção da margem setentrional. [...] Como guia para a viagem ao [rio] Maicuru, conto com um conhecido índio velho do Ererê, que já me acompanhou uma vez para lá.

A companhia de um ou dois indígenas foi uma constante nas excursões de Snethlage, mas geralmente feitas também com a presença de um dos preparadores do Museu Paraense. Nesses casos, os indígenas geralmente atuavam como guias, carregadores e remadores. Houve uma viagem, contudo, em que Snethlage viajou sozinha com indígenas. E foram muitos: quatro homens e quatro mulheres Xipaya e Kuruaya, que se arriscaram juntos com ela ao percorrer um extenso território desconhecido de todos. Dos quatro homens, três eram caciques Kuruaya, de nome João, Topá e Maitumá. As mulheres eram suas esposas.

Trata-se da travessia que o grupo fez entre os rios Xingu e Tapajós em 1909, caminhando durante um mês pelo divisor de águas que separa as duas bacias. A convivência foi tensa em alguns momentos, como Snethlage narra em seu relato de viagem, com preocupação e certa irritação. Mas ela também registrou sua admiração com a habilidade e a generosidade do grupo: “Nas cachoeiras, os índios [homens] esperavam geralmente para nos ajudar [as mulheres] a passar a canoa. Pareciam aqui quase anfíbios nestas ocasiões, nadando e mergulhando com uma agilidade e uma perseverança admiráveis” (SNETHLAGE, 1913, p. 66). Em outra passagem, ela volta a elogiar a destreza dos indígenas no manejo das canoas: “[são] excelentes barqueiros e pilotos, que sabem dirigir suas embarcações frágeis no meio das cachoeiras mais

impetuosas com uma destreza e um sangue frio admiráveis” (Snethlage, 1913, p. 63). Convém mencionar, ainda, que, em uma carta ao etnólogo Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) datada de 16 de março de 1910, na qual conta sua experiência, Snethlage enfatizou que os indígenas haviam recebido uma “ordem” para acompanhá-la – “e o fizeram com a maior lealdade”.

Os indígenas não devem ser vistos como meros serviçais dos naturalistas e de seus patronos, desprovidos de uma lógica de ação. Ao contrário, no contato com pessoas alheias à sua cultura, negociaram as condições para se integrarem às expedições. Na relato da viagem de 1909, Snethlage descreve o sistema de vassalagem e trocas estabelecido no Xingu: anualmente, grupos Xipaya e Kuruaya se dirigiam até a maloca de Manoelsinho Xipaya, no rio Curuá, onde havia uma troca de ubás (canoas) produzidas por eles por missangas e ferramentas fornecidas pelo seringalista Ernesto Accioly. Foi justamente Accioly quem colocou Snethlage em contato com Manoelsinho – e este, por sua vez, foi quem negociou com o grupo de homens e mulheres o auxílio necessário à viagem de Snethlage (Snethlage, 1913). Na Figura 1, uma fotografia tirada por Snethlage às margens do rio Curuá, antes de embarcar em direção ao Tapajós, essa hierarquia é evidenciada: em primeiro plano, Accioly aparece de terno branco e chapéu, ao lado de Manoelsinho Xipaya, com calça e camisa. Atrás de Accioly, vê-se de relance o cacique João segurando arco e flechas para abater aves. No entorno, muitas mulheres e crianças.

Imagem 1: Ernesto Accioly, Manoelsinho Xipaya e indígenas Kuruaya. Fotografia de Emília Snethlage. Rio Curuá, meados de agosto de 1909.



Fonte: Emília Snethlge (1913).

A prática do “homem branco” em oferecer objetos aos indígenas, visando obter alguma vantagem junto a eles, foi recorrente durante a passagem de viajantes no século XIX pela Amazônia. Márcio Couto Henrique (2017), ao pesquisar a perspectiva indígena na troca de presentes em aldeamentos, considera que missangas, machados, facas, panelas e outros artefatos devem ser vistos através do simbolismo a eles atribuído e não apenas como mercadorias. De acordo com o autor, longe de serem observados como itens secundários, os chamados “brindes”, ao adentrarem nas sociedades indígenas, eram reinterpretados. As fontes não evidenciam o que foi negociado com os Xipaya e Kuruya para que três caciques acompanhassem Snethlage e incluíssem suas esposas na comitiva, mas certamente estava em jogo, além dos habituais missangas e facões, questões de poder, proteção e prestígio. Snethlage comentou várias vezes, e em diversas cartas, que Accioly fez questão de ir pessoalmente à maloca de Manoelsinho negociar com os caciques.

A menção à presença indígena no processo de coleta de Snethlage é perceptível nas entrelinhas da documentação. Na obra “On Mammals from the Lower Rio Amazonas in the Goeldi Museum”, escrita pelo zoólogo Oldfield

Thomas, do Museu Britânico, em 1920, ele descreve um conjunto de mamíferos coletados por funcionários do Museu Paraense entre 1914 e 1920. Entre essas espécies, destaca-se a *Pithecia albinasa* (Geoff. & Dev.), coletada em uma área na divisa entre os rios Iriri e Xingu, a data exata da coleta não é mencionada.

O que chama a atenção na descrição de Thomas sobre esse mamífero é o fato de ele ser um espécime-tipo. Essa era uma característica importante da classificação zoológica e botânica do período analisado, pois se referia a um exemplar que apresentava atributos de um grupo maior, possuindo, assim, grande valor nas coleções museológicas (Daston, 2004). O cientista apontou, no periódico da instituição inglesa, que esse animal, desde a primeira coleta em 1848 e seu armazenamento em Paris, não havia sido obtido novamente. Na conclusão da descrição, ele ressalta que o espécime fornecido por Emília “foi obtido vivo de índios em Santarém” (THOMAS, 1920).

Desse modo, é possível visualizar um grupo de indígenas colaborando no processo de coleta científica. A fonte não esclarece como ocorreram as negociações entre Emília e os grupos locais para atender a essa demanda, mas permite argumentar que eles ajudaram diretamente na captura dos animais. Retornando à leitura do relato de viagem da alemã aos rios Xingu e Tapajós, ela menciona que, em determinada passagem, era constante o encontro com espécies de macacos pouco conhecidas no meio científico, como o coatá de fronte branca (*Ateles marginatus*) e o cuxiú de nariz branco (*Pithecia albinasa*), este último sendo da espécie descrita por Oldfield Thomas. Emília narra que esses animais tendiam a andar em conjunto e quando os via, ela buscava capturá-los, por meio dos tiros, mas também os indígenas o faziam, através das flechas que tentavam acertar os macacos (SNETHLAGE, 1913). O caso citado no periódico britânico e no relato da zoóloga explicitam a presença desses sujeitos, apesar de se tratar da coleta de mamíferos e não aves, mostram como se dava o conhecimento e a ação de indígenas.

Ao analisar a complexidade das redes envolvidas no trabalho científico na Amazônia através do estudo das coleções ornitológicas de Emília Snethlage, torna-se evidente que o sucesso das expedições científicas não pode ser atribuído apenas aos esforços individuais dos cientistas, mas à colaboração essencial de muitos sujeitos. De preparadores técnicos a líderes locais e

indígenas, cada um desempenhou um papel na coleta de espécimes e na navegação pelos desafios geográficos da região. A presença desses intermediários não apenas facilitou as expedições, mas também enriqueceu o conhecimento científico ao integrar perspectivas e práticas locais, demonstrando a interdependência entre ciência e sociedade.

Ao reconhecer e valorizar essas contribuições diversas, historiadores das ciências podem não apenas enriquecer o entendimento das coleções museológicas, mas também contribuir para uma narrativa mais inclusiva e precisa sobre o desenvolvimento do conhecimento científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia a importância das coleções de História Natural não apenas como registros de biodiversidade, mas como fontes para a compreensão das interações entre ciência e sociedade. As coleções ornitológicas formadas por Emília Snethlage entre 1905 e 1921 no Museu Paraense Emílio Goeldi ilustram de maneira exemplar como esses acervos podem revelar redes complexas de conhecimento e influências mútuas entre cientistas, instituições e coletivos sociais.

Primeiramente, a análise das coleções ornitológicas de Snethlage demonstra sua relevância para a construção do conhecimento científico sobre a avifauna amazônica e seu impacto nos debates ornitológicos da época. A extensa documentação e a circulação dos espécimes coletados proporcionaram uma base sólida para comparações e descrições científicas que transcenderam fronteiras geográficas, evidenciando a importância dos acervos do Museu Paraense no cenário científico global, sobretudo entre especialistas em aves neotropicais.

Além disso, o artigo revela como as coleções de Snethlage foram instrumentalizadas para promover o Museu Paraense e o Estado do Pará em um contexto político específico, caracterizado pelo comércio da borracha e pelo esforço em modernizar a sociedade local. Os relatórios e a correspondência analisada mostram que a produção científica do museu foi utilizada como ferramenta de propaganda política e de afirmação da modernidade do estado paraense. A relação entre ciência e política, evidenciada nas trocas de acervos

e no reconhecimento internacional, ilustra o papel das coleções como símbolos de ilustração.

A investigação também destaca a importância das redes científicas na produção e circulação do conhecimento. A colaboração de Snethlage com cientistas de diversos países e instituições reflete a prática relacional da ciência. A circulação de espécimes e a troca de informações contribuíram para o avanço da ornitologia e para a inserção do Museu Paraense em redes científicas internacionais.

A inclusão de conhecimentos e práticas locais também enriqueceu a pesquisa científica e permitiu maior eficácia na coleta de espécimes. Demonstramos que os funcionários do baixo escalão do Museu Paraense, como os coletores e preparadores, todos homens e brasileiros, foram fundamentais para as viagens e coletas de Snethlage, assim como os seringalistas e proprietários de terras, que atuavam como mecenas ou patrocinadores das expedições. Os indígenas, longe de serem meros auxiliares, também eram participantes ativos e estratégicos na realização das expedições, oferecendo não apenas apoio físico, mas também conhecimentos indispensáveis sobre o ambiente amazônico.

O reconhecimento do protagonismo desses sujeitos locais, assim como das redes que conectam cientistas e outros coletivos sociais, é crucial para uma compreensão mais abrangente da produção científica. Este estudo reforça a importância de considerar as múltiplas dimensões envolvidas na formação de coleções científicas, sublinhando que o sucesso das expedições e a riqueza das coleções resultam de uma rede complexa de colaborações e interações.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Samuel. Objects and the Museum. *Isis*, v. 96, n. 4, p. 559-571, 2005.

ALBERTO, Diana. **EMÍLIA SNETHLAGE E HELOÍSA ALBERTO TORRES: Gênero, Ciência e Turismo na Amazônia do século XX.** Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

ALVES-MELO, Patrícia. Luís, Alexandrina e trajano: os ajudantes esquecidos dos naturalistas Amazônia, século XIX. In: **Águas negras: estudos afro-lusos**

amazônicos no oitocentos. Belém: UFPA, Cátedra João Lúcio de Azevedo, 2021.

ANTUNES, Anderson; MOREIRA, Ildu de Castro; MASSARANI, Luisa. "Practical Botanists and Zoologists": Contributions of Amazonian Natives to Natural History Expeditions (1846-1865). **Historia Critica**, v. 73, p. 137-160, 2019.

ARRAES, Jonas Monteiro. **Tão longe e tão distante**: a presença de Carlos Gomes na belle époque de Belém do Pará. Belém: Editora Dalcídio Jurandir, 2022.

CARMO, Viviane Arruda do; MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira; BIZZO, Nelio Vincenzo. As contribuições de Alfred Russel Wallace para a biogeografia. **Filosofia e História da Biologia**, v. 7, n. 1, p. 117-136, 2012.

Carta de A. Brauer a Jacques Huber. Berlim, 12 de novembro de 1913. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo MPEG. Gestão Jacques Huber, Dossiê Königliches Zoologisches Museum, Berlim. Belém (PA), Brasil.

Carta de Emilia Snethlage a Eduard Seler. Belém, 17 de março de 1914. Ethnologisches Museum Berlin, Archiv, Acta betreffend die Erwerbung ethnologischer Gegenstände aus Amerika. Berlim, Alemanha. Transcrição de Beatrix Hoffmann e tradução de João Batista Poça da Silva.

Carta de Emília Snethlage a Theodor Koch. Belém, 16 de março de 1910. Philipps-Universität Marburg, Fachgebiet Kultur -und Sozialanthropologie, Völkerkundliche Sammlung. NachlassTheodor Koch-Grünberg. Marburg, Alemanha. Transcrição de Rotger Snethlage e tradução de Nelson Sanjad.

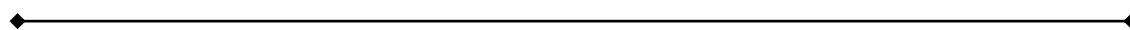
CASTRO, Anna Raquel. **Ciência, Política e Propaganda**: a representação paraense na Exposição das Indústrias e do Trabalho em Turim (1911). Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

CHAPMAN, Frank. **Report of the President**. Forty-Seventh Annual Report of American Museum of Natural for the year 1915, p. 69.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, v. 1, p. 12, 1990.

COELHO, Matheus Camilo. **Objetos entre contextos e significados**: as coleções etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi entre 1894 e 1905. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará, 2021.

CORRÊA, Mariza. A doutora Emília e o detalhe etnográfico. In: **Conhecimento e fronteira**: História da Ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.



Correio da Manhã. Rio de Janeiro, Sexta-feira, 30 de dezembro de 1921. Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional - Brasil.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. **Talento e atitude:** estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi, I. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

DASTON, Lorraine. Type specimens and scientific memory. **Critical inquiry**, v. 31, n. 1, p. 153-182, 2004.

DUARTE, Regina Horta. Between the national and the universal: natural history networks in Latin America in the nineteenth and twentieth centuries. **Isis**, v. 104, n. 4, p. 777-787, 2013.

DUCKE, Adolpho. Explorações Científicas no Estado do Pará. **Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense) de Historia Natural e Ethnographia**. Tomo VII. 1913.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **Evolucionismo no Brasil:** ciência e educação nos museus, 1870-1915. Editora Livraria da Física, 2009.

HELLMAYR, Carl. The Birds of the Rio Madeira. **Novitates Zoologica**, v. 17, n. 3, 1910.

HENRIQUE, Márcio Couto. Presente de branco: a perspectiva indígena dos brindes da civilização (Amazônia, século XIX). **Revista Brasileira de História**, v. 37, p. 195-216, 2017.

HUBER, Jacques. **Ofício de Jacques Huber ao Sr. Dr. Secretário da Justiça, Interior e Instrução Pública.** Belém, 6 de fevereiro de 1914. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo MPEG. Gestão: Jacques Huber. Dossiê: Secretaria da Justiça, Interior e Instrução Pública (Pará).

HUBER, Jacques. Relatório sobre a marcha do Museu Goeldi no anno de 1907 apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Secretario do Estado da Justiça, Interior e Instrução Publica pelo Dr. J. Huber, Director do Museu. **Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia**, v. VI, p. 2-21, 1909.

HUBER, Jacques. Relatório sobre a marcha do Museu Goeldi no anno de 1908 apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Secretario do Estado da Justiça, Interior e Instrução Publica pelo Dr. J. Huber, Director do Museu. **Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia**, v. VI, 1909.

JUNGHANS, Miriam. **Avis rara:** a trajetória científica da naturalista alemã Emília Snethlage (1868-1929) no Brasil. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro, 2009.

SANJAD, Nelson; GÜNTERT, Marcel. Emil August Göldi (1859-1917): a life between Switzerland and Brazil. **Mitteilungen der Naturforschenden Gesellschaft in Bern**, v. 72, p. 21-71, 2015.

SANJAD, Nelson; SNETHLAGE, Rotger; JUNGHANS, Miriam; OREN, David Conway. Emília Snethlage (1868-1929): um inédito relato de viagem ao rio Tocantins e o obituário de Emil-Heinrich Snethlage. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 8, p. 195-221, 2013.

SANJAD, Nelson; XIMENES, Cláudio . Intertextuality and knowledge translation in travel reports: the Capim River and its inhabitants in the narratives of Alfred Russel Wallace (1849), João Barbosa Rodrigues (1874?1875) and Emil Goeldi (1897). **Rodriguesia**, v. 73, p. e00512022, 2022.

SNETHLAGE, Emília. A travessia entre o Xingú e o Tapajoz. **Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense) de Historia Natural e Ethnographia**. Tomo VII. 1913.

SNETHLAGE, Emília. **Carta de Emília Snethlage a Jacques Huber**. Belém, 19 de maio de 1908b. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo MPEG.

SNETHLAGE, Emília. **Carta de Emília Snethlage a Jacques Huber**. Belém, 19 de maio de 1908c. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo MPEG.

SNETHLAGE, Emília. **Carta de Emília Snethlage a Jacques Huber**. Berlim, 9 de dezembro de 1907. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo MPEG.

SNETHLAGE, Emília. **Carta de Emília Snethlage ao ilustríssimo Doutor**. Monte Alegre, 24 de julho de 1908d. Museu Paraense Emílio Goeldi, Arquivo Guilherme de La Penha, Fundo MPEG.

SNETHLAGE, Emília. **Ornithologische vom Tapajoz und Tocantins**. Journal für Ornithologische, Berlim, v. 56, n. 4, p. 493-539, 1908a.

STRESEMANN, Erwin. Über gemischte Vogelschwärme. In: **Verhandlungen Ornithologische Gesellschaft in Bayern**. München, 1918.

THOMAS, Oldfield. On mammals from the Lower Amazons in the Goeldi Museum, Para. **Annals and Magazine of Natural History, including Zoology, Botany and Geology**, London. 1920.

Recebido em 20/09/2024

Aprovado para publicação em 05/12/2024